



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE À GRÃ-BRETANHA

28 DE MAIO - 2 DE JUNHO DE 1982

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA CATEDRAL DE WESTMINSTER

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Sexta-feira, 28 de Maio de 1982

Caros Irmãos e Irmãs

1. Com profunda gratidão e com amor rendo graças a Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, por me ter concedido a graça de estar hoje convosco. *Hoje, pela primeira vez na história, um Bispo de Roma pisa o solo da Inglaterra.* Esta bela terra, outrora posto avançado do mundo pagão, tornou-se mediante a pregação do Evangelho parte dilecta e preciosa da vinha do Senhor.

A vossa é uma tradição arraigada profundamente na história da civilização cristã. O papel desenvolvido pelos vossos santos, pelos vossos grandes homens e mulheres; os vossos tesouros da literatura e da música; as vossas catedrais e os vossos colégios, o vosso rico património de vida paroquial — tudo isto fala de uma tradição ainda viva. E é à fé dos vossos pais — fé ainda viva — que desejo prestar homenagem com esta visita.

Sinto-me feliz de poder celebrar esta Eucaristia com os meus Irmãos Bispos que, juntamente comigo, são os sucessores dos Apóstolos, cuja missão é de santificar e governar a porção da Igreja confiada aos seus cuidados pastorais (cf. *Lumen gentium*, 19).

2. Reflectimos sobre o significado espiritual deste momento.

Cristo, "o Pastor supremo" (1 *Ped* 5, 4), deu a Pedro — como escutámos proclamar na passagem do Evangelho de São João — a tarefa de confirmar os seus irmãos na fé e na missão pastoral:

"Apascenta os meus cordeiros... Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21, 15-16).

Venho ao meio de vós para responder a este mandato do Senhor. Venho para confirmar os meus Irmãos Bispos na fé. Venho para recordar, a todos os crentes que são herdeiros hoje da fé dos seus pais, que em cada diocese o Bispo é sinal visível e fonte da unidade da Igreja. Venho para junto de vós como sinal visível e fonte de unidade para toda a Igreja. *Venho ao serviço da unidade no amor*: no amor humilde e realista do pescador arrependido: "Senhor, Tu sabes tudo; Tu bem sabes que Te amo".

Em todos os tempos os cristãos foram àquela cidade onde os Apóstolos Pedro e Paulo morreram para dar testemunho da sua fé, e onde foram sepultados. Mas por quatro séculos o constante fluxo de peregrinos ingleses ao túmulo dos Apóstolos reduziu-se a um pequeno número. Roma e o vosso país afastaram-se um do outro. Hoje o Bispo de Roma vem até vós. Venho realmente ao serviço da unidade no amor, mas venho *também como amigo*, e grato sou pelas vossas boas-vindas.

Sempre admirei o vosso amor pela liberdade, a vossa generosa hospitalidade para com outros povos em momentos difíceis; como filho da Polónia tenho os motivos mais profundos e mais pessoais para vos exprimir esta admiração e o meu agradecimento.

3. Com estes sentimentos, sinto-me particularmente *feliz de fazer o que Pedro fez* na Igreja primitiva. Administrarei esta manhã o Baptismo e meditarei convosco sobre o seu significado.

De um modo misterioso mas real, repete-se e de novo é apresentado neste lugar sagrado aquele momento da vida da Igreja primitiva em que, como acabámos de ler nos Actos dos Apóstolos, "Pedro, então, pondo-se de pé em companhia dos Onze, com voz forte falou-lhes" (Act 2, 14) da necessidade de serem baptizados e de receberem o dom do Espírito Santo. Como consequência muitos "acolheram a sua palavra" e foram baptizados, e naquele dia uniram-se à família do Deus vivo.

4. Mediante o Baptismo *somos incorporados em Cristo*. Aceitamos a sua promessa e os seus mandamentos.

O significado do Baptismo reflecte-se no simbolismo do rito sacramental. A água derramada sobre nós fala do poder redentor do sofrimento de Cristo, da sua morte e ressurreição, purificando-nos das consequências do pecado, livrando nos de um reino de trevas para nos introduzir num Reino de luz e de amor. Com o Baptismo somos realmente imersos na sua morte — para ressurgir com Ele na sua Ressurreição (cf. Rom 6, 3-5). A unção das nossas cabeças com o óleo significa que somos fortificados no poder de Cristo e nos tornamos templos vivos do Espírito Santo.

Estamos na vigília do Pentecostes, a festa do Espírito Santo que *desce sobre nós no Baptismo*. Uma das mais belas passagens da liturgia do Pentecostes foi escrita por um inglês, Stephen Langton, Arcebispo de Canterbury. Em seis breves e notáveis versos ele invoca o Espírito Santo para que actue em nós:

"Lava o que nele há de impuro, / Quanto há de árido humedece, / Sara-lhe quanto é moléstia; / O que há de dureza abranda, / O que há de mais frio aquece, / Endireita o desvairado".

Quase todos os males dos nossos tempos ou de qualquer tempo podem estar abrangidos por esta oração. Ela revela uma confiança sem limites no poder do Espírito Santo que é invocado.

5. Mediante o Baptismo *somos incorporados na Igreja*. O ministro, os nossos pais e padrinhos ensinam-nos com o sinal da Cruz, a valorosa insígnia de Cristo, para testemunharmos que é a inteira assembleia dos fiéis, a inteira comunidade de Cristo, que nos sustenta na nova vida de fé e de obediência derivante do nosso Baptismo, o nosso novo nascimento em Cristo.

Com o Baptismo somos acolhidos na comunidade de fé. Tornam o-nos parte do Povo de Deus peregrino que em todos os tempos e lugares caminha na fé para o cumprimento da "promessa". É dever nosso assumir o nosso posto com responsabilidade e amor ao lado dos que, desde o início, "perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fracção do pão e nas orações" (Act 2, 42).

6. O Baptismo cria um *vínculo sacramental* de unidade que liga todos os que renasceram por meio dele. Mas o Baptismo em si mesmo é apenas um início, um ponto de partida, pois é totalmente orientado para a plenitude de vida em Cristo (cf. *Unitatis Redintegratio*, 22). O Baptismo é o fundamento da unidade que todos os cristãos têm em Cristo: uma unidade que devemos esforçar-nos por aperfeiçoar. Quando indicamos claramente o privilégio e o dever do cristão, envergonhamo-nos de não ter sido todos capazes de manter a plena unidade de fé e de caridade desejada por Cristo para a Sua Igreja.

Nós, baptizados, temos um trabalho a desenvolver juntos como irmãos e irmãs em Cristo. O mundo tem necessidade de Jesus Cristo e do seu Evangelho — a Boa Nova que Deus nos ama, que Deus Filho nasceu, foi crucificado e morreu para nos salvar, ressuscitou e nós ressuscitámos com Ele, e que no Baptismo imprimiu em nós o sigilo do Espírito Santo pela vez primeira, nos reuniu *numa comunidade de amor e de testemunho da sua verdade*.

Estes são os meus pensamentos enquanto estamos reunidos para celebrar o sacramento do Baptismo neste lugar histórico. Esta magnífica igreja em que nos encontramos é um símbolo da fé e da energia da comunidade católica inglesa nos tempos modernos. A sua arquitectura é extraordinária para este país: evoca memórias de outras partes do mundo cristão, recorda-nos a nossa universalidade, Amanhã serei acolhido na catedral muito mais antiga, a de Canterbury,

onde Santo Agostinho, enviado pelo meu predecessor São Gregório, construiu antes uma pequena igreja cujos fundamentos ainda são conservados. Aqui tudo fala, de facto, *de antigas tradições comuns*, que estamos dispostos a juntos consolidar nestes tempos modernos. Quero falar também eu nesta perspectiva — para lamentar a ruptura existente há tanto tempo entre cristãos, para escutar com alegria a oração e o mandato do Senhor para que sejamos completamente uma só coisa, para Lhe agradecer aquela inspiração do Espírito Santo que nos infundiu *o desejo de colocar de parte as nossas divisões* e de aspirar a um testemunho comum de nosso Senhor e Salvador. O meu profundo desejo, *a minha ardente esperança e oração é que a minha visita possa servir a causa da unidade dos cristãos.*

7. Desejaria recordar um outro aspecto do Baptismo que é talvez aquele a nós mais familiar. No Baptismo é-nos dado um nome — chamamo-lo o nosso nome cristão. Segundo a tradição da Igreja é o nome de um santo, o nome de um dos heróis entre os discípulos de Cristo — um apóstolo, um mártir, um fundador de ordem religiosa, como São Bento, cujos monges fundaram a vizinha Abadia de Westminster em que são coroados os vossos soberanos. O facto de assumir um nome recorda-nos que fomos acolhidos *na Comunhão dos Santos* e que, ao mesmo tempo, nos são apresentados grandes modelos de vida cristã. Londres sente-se a justo título orgulhosa de dois grandes santos, notáveis homens também aos olhos do mundo, homens que deram um contributo ao vosso património nacional: John Fisher e Thomas More.

John Fisher, aluno de Cambridge e figura de erudito do Renascimento, tornou-se Bispo de Rochester. É um exemplo para todos os Bispos pela sua lealdade à fé e pela sua dedicação aos seus diocesanos, especialmente aos pobres e aos doentes. Thomas More foi leigo exemplar que viveu o Evangelho na sua plenitude. Foi um grande estudioso que honrou a sua profissão, marido e pai amoroso, humilde nos tempos prósperos, corajoso nas adversidades, dotado de bom humor e de profunda espiritualidade. Juntos serviram a Deus e o seu país — um Bispo e um leigo. Juntos morreram, vítimas de uma triste época. Hoje, todos temos a graça de poder proclamar a grandeza deles e agradecer a Deus por ter concedido homens como estes à Inglaterra.

Nesta Inglaterra de figuras ilustres e generosas, ninguém desejará invejar a comunidade católica por ser ela orgulhosa da sua história. Nomearei, enfim, um outro cristão, menos famoso mas não menos merecedor de honra. O Bispo Richard Challoner guiou os católicos deste distrito de Londres no século XVIII, quando o destino deles parecia ter atingido o nível mais baixo. Poucos eles eram. Parecia-lhes difícil a sobrevivência. Mas o Bispo Challoner levantou corajosamente a sua voz para anunciar um futuro melhor para o seu povo. Hoje, após dois séculos, tenho o privilégio de me encontrar aqui e de vos falar não com espírito de triunfalismo, mas como um amigo, grato pelo vosso gentil acolhimento e cheio de amor por todos vós.

A coragem do Bispo Challoner deveria recordar a todos nós onde se encontram as sementes de coragem, da qual provém a confiança do renovamento. É mediante a água e o Espírito Santo que nasce um Povo Novo, por mais obscuros que possam ser os tempos.

8. Como nos recorda a leitura do profeta Ezequiel, *é o Senhor mesmo que é o verdadeiro pastor deste Povo Novo*. Ele mesmo apascenta o seu rebanho. Mostra-lhe onde repousar: "Como o pastor se preocupa com o seu rebanho... assim me preocuparei eu com o meu. Reconduzi-lo-ei de todas as partes por onde tenha sido disperso num dia de nuvens e de trevas... Procurarei a que se tinha perdido, reconduzirei a que se tinha tresmalhado; pensarei na que está ferida e tratarei da que está doente" (*Ez 34, 12, 16*).

Oxalá aqueles de nós, que renovam as suas promessas baptismais, como os que serão agora batizados, proclamem e elevem a sua oração ao nosso Pai celeste por meio do Seu Filho, nosso Senhor:

"Escutai, pastor de Israel... vinde salvar-nos. / Senhor, Deus dos exércitos, voltai sem tardança, observai o céu / e considerai; atendei a esta vinha, esta cepa que a Vossa direita plantou./ E não nos afastaremos mais de Vós; conservai-nos a vida / e invocaremos o Vosso nome" (*Sl 80, 2-4, 15-16, 19*).

Assim seja.

Meus caros irmãos e irmãs, enquanto continuamos a celebrar os mistérios da fé, não podemos esquecer que está em curso um conflito armado.

Irmãos em Cristo estão a combater numa guerra que põe em perigo a paz no mundo.

Nas nossas orações recordemos as vítimas de ambas as partes, rezemos pelos mortos — que possam repousar em Cristo, e por todos os feridos e por todas as famílias angustiadas. Peço vos unais a mim em cada passo da minha visita pastoral, pedindo por uma solução pacífica do conflito, pedindo que o Deus da paz leve os corações dos homens a deixarem de parte as armas da morte e a seguirem o caminho do diálogo fraterno. Com todo o nosso coração, dirigimo-nos a Jesus, príncipe da paz.